

**RESENHA: ERMAKOFF, GEORGE: O NEGRO NA FOTOGRAFIA  
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX. RIO DE JANEIRO: GEORGE ERMAKOFF  
CASA EDITORIAL, 2004.**

Frank Stephan Kohl



Capa do livro

A fotografia brasileira oitocentista está na moda, como indica o grande número de livros publicados a respeito do assunto nos últimos anos. O mais novo produto dessa onda é *O Negro na fotografia brasileira do século XIX*, organizado pelo colecionador George Ermakoff, que chegou nas livrarias no final do ano passado.

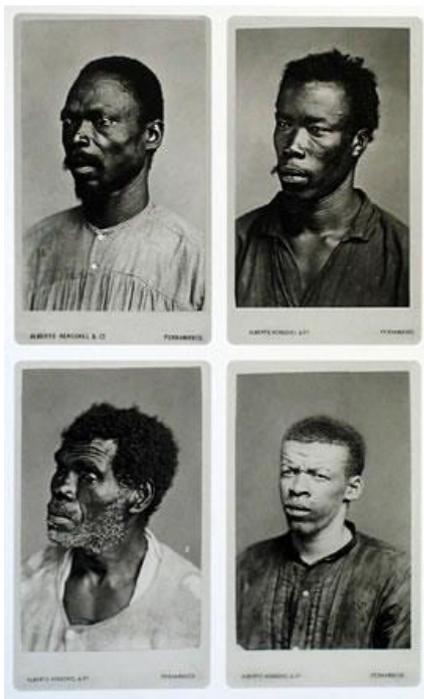
Trata-se de um livro de “fotografias de negros no Brasil no século XIX” que pretende dar uma “visualização dos negros e do ambiente em que viveram as suas vidas” (p.10), como enfatiza o autor. Ermakoff ressalta a sua intenção de apresentar o cotidiano dos escravos no Brasil imperial através das fotografias,

frisando a “tentativa de montar um panorama de época, cuja leitura, a despeito da pouca documentação e da dispersão do material fotográfico disponível, contribua para a interpretação de como os negros viveram nos cerca de cinqüenta anos posteriores à chegada da fotografia no Brasil” (p.10).

O objetivo de “produzir um livro com uma grande quantidade de imagens de pessoas anônimas, na esperança de que estas atraíam o interesse do leitor comum, permitindo-lhe maior compreensão sobre um período essencial para a formação da sociedade” (p.16), somente foi parcialmente atingido. Ermakoff conseguiu reunir 340 fotografias de negros do século XIX, fruto de uma busca abrangente em diversas instituições públicas e coleções particulares no Brasil, na Argentina, nos Estados Unidos, na França e na Alemanha. Publicou uma grande coletânea de belas e raras imagens, mas não conseguiu realizar o seu principal objetivo de oferecer um panorama do dia-a-dia da escravidão através das fotografias e contribuir para uma melhor compreensão do passado. Não deu conta do grande número das imagens reunidas. Falta cuidado com informações ligadas às fotografias e aos fotógrafos. Mas o principal problema do livro está na superficial abordagem do tema e na estruturação do assunto, pouco condizentes com suas declaradas pretensões.

*O Negro na fotografia brasileira do século XIX* é dividido em duas partes. Na primeira parte, numa tentativa de resumir a história da escravidão no Brasil, Ermakoff se limita a recontar alguns fatos históricos gerais, misturados com curiosidades e complementados por algumas divagações pessoais. O texto se apresenta sem profundidade, sem ganhar uma forma clara e sem contextualizar adequadamente as fotografias de negros. A segunda e maior parte do livro é dedicada aos fotógrafos. Depois de uma curta introdução referente às primeiras décadas da fotografia brasileira oitocentista, são apresentadas curtas biografias dos fotógrafos, principalmente compilando dados já conhecidos, trazendo amostras de seus trabalhos. O livro termina com uma série de 13 imagens, chamada “Galeria dos Condenados”, apresentando fotografias da década de 1870, de presos da “Casa de Correção da Corte”, tiradas por um fotógrafo também prisioneiro.

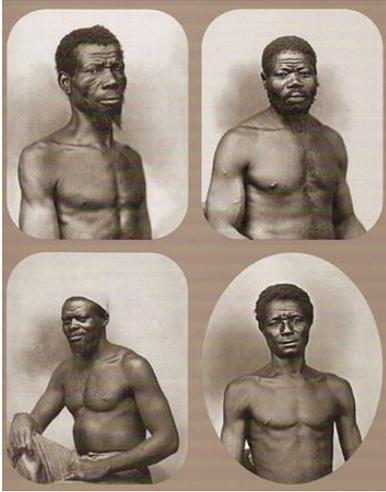
Olhando as centenas de fotografias podemos identificar os rostos e trajês de milhares de pessoas negras, dos dois sexos e de todas as idades, de profissões diferentes, das cidades e do interior, do norte ao sul do país. Aliás, a grande maioria das fotografias apresentadas no livro mostra negros do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, onde atuaram muitos fotógrafos. Mas surgem as perguntas. O que podemos descobrir nos retratos dos “tipos negros” dos ateliês de Alberto Henschel sobre o dia-a-dia dos escravos? O que as fotografias posadas, de vendedoras e carregadores, feitas por Christiano Júnior, acrescentam para uma história cotidiana dos negros? O que as séries de fotografias de etnias diversas, feitas por Augusto Stahl e encomendadas pelo naturalista Louis Agassiz revelam sobre a visão do negro durante o século XIX? E as cenas flagradas nas fotografias de Victor Frond, Marc Ferrez ou Juan Gutierrez realmente ajudam a entender a vida dos escravos no passado ou somente refletem a visão dos fotógrafos?



Retratos de 4 "tipos negros" de Alberto Henschel, Pernambuco, p. 161



6 tipos negros de Christiano Júnior, p. 56



4 Fotografias de negros de Augusto Stahl, p. 25



Lithographia a partir de uma fotografia de Victor Frond, p. 153

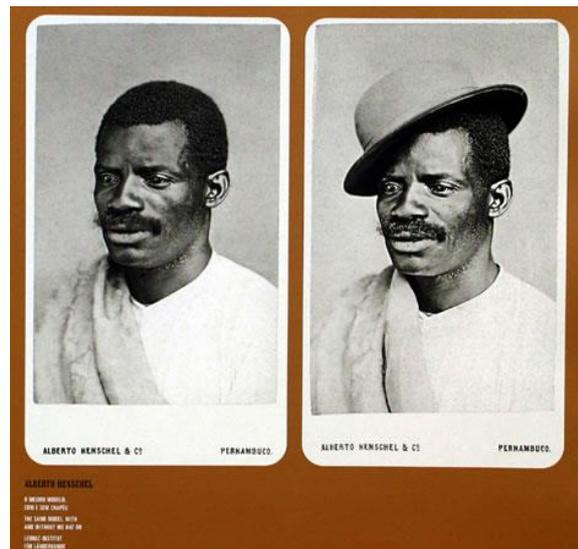


Fazenda de Cafe no Vale do Paraíba, Marc Ferrez, p.43



Mercado no Rio de Janeiro, Juan Gutierrez, p.171

Ermakoff não explica as possibilidades e limites das fotografias em nos informar sobre o passado. Perdeu uma grande oportunidade de abordar a relação tanto entre fotografia e história quanto entre fotografia e escravidão. Questões a respeito da produção, da difusão e do uso de fotografias de negros no século XIX igualmente foram pouco explicadas. Conta uma “curiosidade



Negro sem e com chapéu, Alberto Henschel, p. 121

sobre o trabalho dos fotógrafos do século XIX” (p.110), a comercialização de uma mesma imagem por diferentes profissionais. Outros aspectos da produção, como a “utilização” de um mesmo modelo negro para diferentes imagens ou a freqüência com que determinados motivos se repetem (no livro encontramos oito fotografias, mostrando um negra com uma criança às costas), aparentemente não foram notados ou não despertaram o seu interesse .



Negra com criança nas costas, Alberto Henschel, p. 176



Negra com criança nas costas, Augusto Stahl, p. 233

Em síntese, para o leitor que quer apenas ver imagens de negros do século XIX, o livro pode ser satisfatório, mas um leitor mais interessado na história da fotografia ou da escravidão se decepcionaria.

Citando o ditado “Uma fotografia diz mais que mil palavras”, lembramos que o conteúdo e o teor dessa fala não é óbvio nem inequívoco. Existem várias maneiras e possibilidades de “conversar” com uma imagem. As 340 imagens de negros brasileiros oitocentistas dizem muito, mas necessitam de um interlocutor para coordenar uma conversa entre si e seus contextos, assim iniciando um diálogo com o leitor.